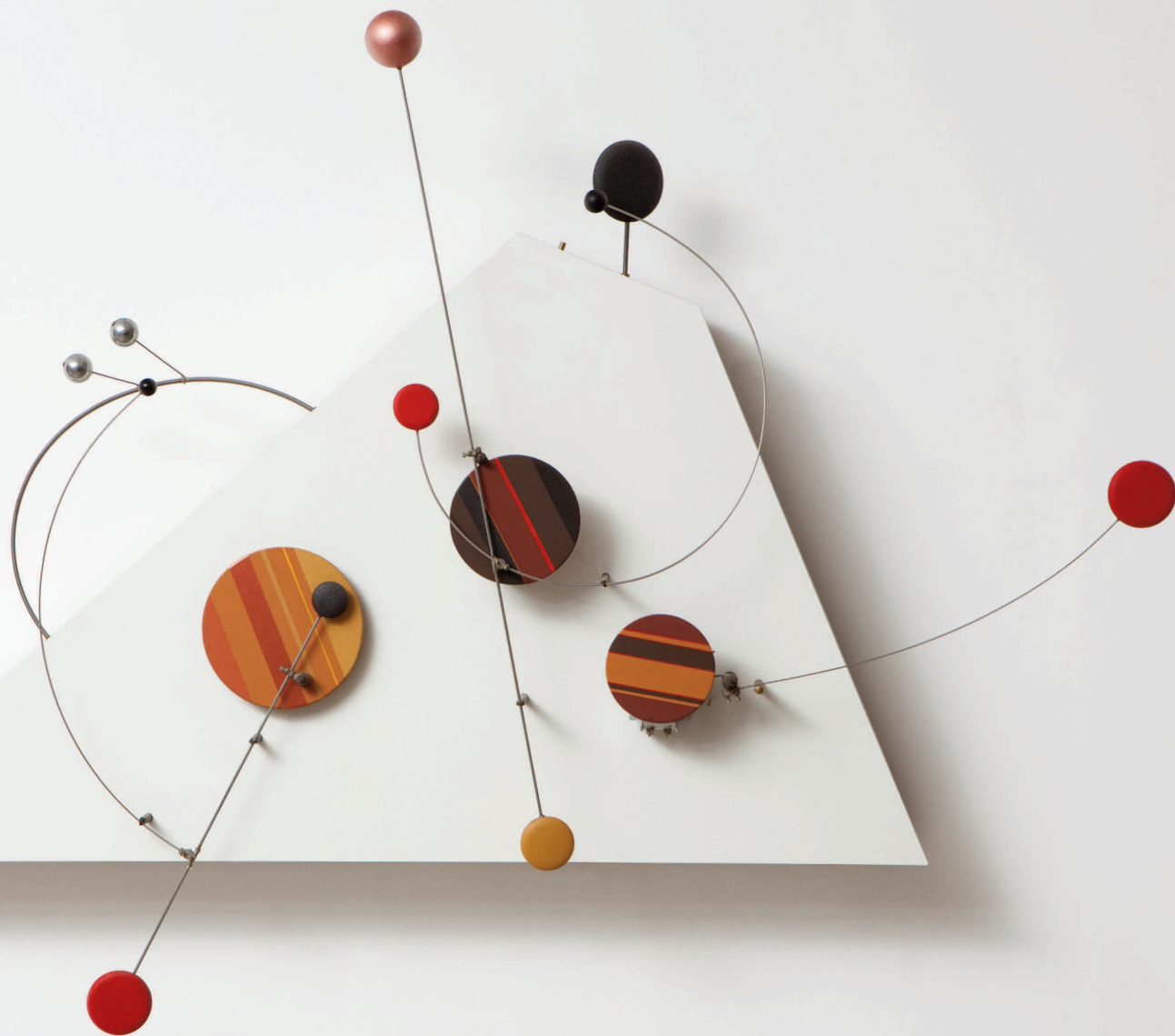




Arte na Escola[®]



Objeto cinético K-06, 1966.

A escola do futuro já chegou

Como ensinar arte ao aluno
do século XXI?

Nosso Boletim Arte na Escola nº 66, ilustrado com obras de ninguém menos que Abraham Palatnik, põe em palavras o que ele sugeriu através de imagens. Não há como separar tecnologia e vida e, portanto, tecnologia e arte, tecnologia e educação. É preciso adensar o pensamento sobre esta nova equação e é isto que esta edição se propõe a fazer. Trazendo surpreendentes relatos de dentro da sala de aula, de professores indicados pelos Polos Arte na Escola em vários pontos do Brasil, o Boletim corporifica esta discussão evidenciando que estamos falando de um mundo presente, de hoje, de agora. Ao mesmo tempo, o Instituto Arte na Escola está lançando, em 26 de novembro, o seu novo portal na internet. No mesmo endereço, mas com novas funcionalidades, mais integrado e conectado as redes sociais e à virtualidade da própria Rede Arte na Escola. Auxiliando o professor a dar sua aula de artes, o nosso site hoje conta com 43.630 professores cadastrados e uma média de 40 mil acessos mensais. E para acompanhar este tempo, lançamos nosso primeiro material didático inteiramente online: o ECO ART. Basta entrar na Miateca do novo portal e navegar entre arte e ecologia, conteúdos transdisciplinares variados. Boa navegação!

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe,
Helânia Cunha de Sousa
Cardoso, Erinaldo Alves do
Nascimento, Sílvia Sell
Duarte Pillotto

Editora

Silvana Claudio

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

Redação

Fábio Galvão, Cecília Galvão
e Raquel Zardetto (CGC
Educação)

Projeto Gráfico

Zozi

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e
opiniões para este
informativo devem ser
enviadas para:

Instituto Arte na Escola;
Alameda Tietê, 618 – casa 3
CEP 01417-020, São Paulo,
SP Fone (11) 3103.8080
contato@artenaescola.org.br

Dica de Leitura

SANCHO, Juana María; HERNÁNDEZ, Fernando et al (Org.). *Tecnologias para transformar a educação*. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Este livro reúne um conjunto de saberes, ferramentas e formas de fazer, que são subsídios valiosos para se repensar e melhorar a educação, prestando atenção particular ao papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação e sua influência na configuração da escola.

Como você utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas suas aulas de Arte?

► A minha experiência está relacionada ao uso da ferramenta que mais incomoda os professores e que está à disposição dos nossos alunos em tempo integral: o celular. Os alunos registraram um detalhe do colega sentado ao lado, em que não fosse possível identificá-lo. Um desenho na roupa, um detalhe do cabelo ou uma unha pintada. A partir disto, fizemos no computador um mosaico de imagens como se fosse um enorme painel composto por todos os fragmentos recolhidos. O resultado foi sensacional. Registrado e exposto, nosso trabalho tomou outra proporção na criação de propostas de comunicação social desenvolvidas pelos alunos.

Vera Vicchiarelli / São José dos Campos – SP

► Penso que o aluno precisa ser desafiado a criar, a aprender aquilo que dá sentido à escola e que possa contextualizar com suas vivências. Procuro sempre buscar coisas novas e inserir as “velhas” no novo tempo tecnológico em que vivemos. Minhas aulas têm sido um laboratório de criação, onde os alunos utilizam internet, hipertextos, webquests, blogs, flogs (também chamados fotoblogs), vídeo, mapas conceituais, manipulação de imagem digital e criação com programas como Phothoshop, HagáQuê, Movie Maker, Power Point, Word, Corel Draw, entre outros. Busco definir os objetivos através dos temas propostos pela escola e sugiro aos alunos vários percursos de aprendizagem. O resultado tem sido estimulante.

Berenice Bitencourt Serra Pereira / Ijuí – RS

► Trabalhamos o projeto "De onde vem o desenho?" e mostramos que ele pode vir de muitas possibilidades (suportes/riscadores). Utilizamos a lousa digital eBeam, onde projetamos sobre uma mesa as obras "Olhar", de René Magritte, e "Olhos", de Man Ray. Cada criança desenhou utilizando a "caneta digital". Projetamos seus desenhos na parede da sala de aula como em um cinema. As escolas com menos recursos podem adaptar essa ideia utilizando o retro-projetor. São descobertas de um novo olhar.

Luciane Comenale e Mônica Araujo / São Paulo

► As novas tecnologias estão presentes com muita frequência nas minhas aulas de arte. Elas permitem uma riquíssima possibilidade de criação artística quase inesgotável e muito bem aceita pelos alunos. Trabalho com as redes sociais, criando páginas no Facebook e blogs, em que os alunos colaboram nas postagens. Lá constam os projetos e experiências de sala de aula. Já encaminhei trabalhos com webquest, fóruns de discussões, redes conceituais, livros virtuais. Estudamos artistas a partir de fotografia, videoinstalação, videoarte, videoperformance, curtas. Também sou organizadora de uma Mostra Regional de Arte e Tecnologia, evento que tem gerado visibilidade e qualidade às propostas dos artistas locais e de projetos escolares em que são tratadas as TICs na disciplina de arte.

Nelcí Andreatta Kunzler / Ijuí-RS

ILUSTRAÇÃO

São de obras de Abraham Palatnik, pioneiro da arte tecnológica no Brasil, as imagens que ilustram esta edição. Agradecemos à Galeria Nara Roesler e a Beny Palatnik a cessão do uso das imagens.



Objeto Cinético P-4, 1966 / 2006.

O uso de tecnologias é indispensável na aprendizagem?

SIM > Se a presença da tecnologia digital no cotidiano já faz parte dos processos de aprendizagem inerentes ao desenvolvimento do homem contemporâneo, a escola é que deve ser a responsável em ensinar como usar esta tecnologia? Sim, na opinião dos pais participantes de outra pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet, intitulada **TIC KIDS 2012**, que entrevistou em todo Brasil 1580 pais/responsáveis e 1580 filhos sobre usos da internet. Esta pesquisa, recentemente divulgada e disponível na internet, mostra que 61% dos pais atribuem à escola a função de ensinar a seus filhos como usarem bem a internet. Ainda conforme a pesquisa, podemos constatar a forte presença da internet no cotidiano infanto-juvenil. Na amostra de sujeitos de 9 a 16 anos, em 111 cidades de todas as regiões do Brasil, nota-se que 51% acessam a internet de forma individual, isolada, sendo significativa a presença do celular como meio de acesso. Isto reforça a potencialidade, para o bem e para os riscos, que a criança vivencia como usuária desta tecnologia, já que não há um tipo de mediação imediata de um adulto, ainda mais quando observamos o crescente número de celulares ativos no país com acesso à internet.

Neste cenário tão contraditório entre escola e a realidade cotidiana de seus alunos, vemos que usar as tecnologias na aprendizagem é apenas a ponta do iceberg do problema em que vive a educação institucionalizada em nosso país. Neste imbróglcio todo, não há somente culpados ou prejudicados! Há tempos e modelos diferentes de educação em convívio, às vezes intrincados, às vezes distanciados um do outro, com os quais os atores deles participantes, o aluno e o professor no microcosmo, e a sociedade e seus organismos no macrocosmo, constroem, como sujeitos que são, a sua história contemporânea.

[Acesse aqui o artigo completo](#)

Claudemir Edson Viana, Bacharel e Licenciado em História (USP). Mestre e Doutor em Comunicação (ECA/USP). Atua desde 2003 no CENPEC como gestor de redes sociais educativas. É professor convidado nos cursos de Educomunicação da ECA/USP, CAEd/UFJF.
Contatos: cviana@uol.com.br / facebook: claudemirviana

NÃO > A discussão sobre o uso de novas tecnologias na aprendizagem tem o risco de esbarrar na armadilha conceitual de se discutir quem é contrário e quem é favorável ao invés de focar em resultados.

Quando abordamos um novo tema, por exemplo, utilizar lousa eletrônica em sala de aula, o primeiro reflexo é gerarmos dois times – um contra e outro a favor. Alguns vão dizer que isso poupa tempo, é muito mais lúdico para os alunos, facilita a assimilação. Outros vão dizer que isso reduz o papel do professor, que o induz a não se preparar adequadamente e que o aluno fica perdido no meio de tanta informação e “fogos de artifício”.

No entanto, o avanço da tecnologia é inexorável, assim como ocorreu com o carro x carruagens, luz artificial x velas, etc. Para se ter ideia, tivemos pessoas contrárias ao uso da escrita quando ela surgiu na antiguidade, pois iria acabar com os sábios e a transmissão oral do conhecimento. Da mesma forma, tivemos resistência ao uso de livros impressos, porque isso poderia popularizar a informação e induzir revoluções (como de fato aconteceu com a Reforma de Lutero). Mas, mesmo com esses oponentes, hoje usamos a escrita impressa. Da mesma forma, o computador já foi considerado pelo seu próprio inventor como sendo um instrumento inútil. Hoje, a maioria de nós tem dois desses aparelhos.

O que se deve discutir não é se somos contrários ou favoráveis, mas se o recurso tecnológico é o melhor método para o objetivo proposto. Se um professor consegue transmitir seus objetivos com “giz e saliva”, porque obrigá-lo a modificar seus métodos?

Ao invés de se discutir o método, vamos discutir resultados. Há evidência de que esses novos métodos sejam melhores que os antigos? Temos condições de pagar o custo dessa tecnologia e de todo o consumo de energia e treinamento requerido? Para algumas coisas sim. Por exemplo, para ensinarmos alunos de medicina a fazer alguns procedimentos, utilizamos bonecos que simulam sinais de doenças para que o médico aprenda antes de ter que fazer num paciente de verdade. Nesse sentido, isso é insubstituível. Mas a maioria das escolas de medicina ainda está migrando para esse novo recurso e nem por isso os médicos formados no sistema antigo deixam de ser bons médicos.

Tecnologia é método e não religião. Religião pode gerar fanatismo e impedir reflexão. Cuidado!

Prof. Dr. Antonio Pazin Filho, Professor Associado Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP

Caminhos para ensinar Arte: do barro ao teclado

Outro dia, durante as aulas de artes no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os alunos praticavam uma atividade no computador e um deles levantou a mão e perguntou: professora, quando vamos voltar a fazer cerâmica?

» Esta história, contada pela professora Simone Fogazzi, coordenadora do Polo Arte na Escola na UFRGS, revela um novo patamar no debate sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na sala de aula. Ninguém discute mais se as chamadas TICs devem ser incorporadas à rotina escolar. A questão central agora é pensar como e quando utilizá-las para assegurar um aprendizado efetivo. Será que os alunos, mesmo sendo nativos digitais, não precisam tocar algo a mais, além de uma tela de vidro? Outra questão crucial nesta discussão: como preparar as professoras e os professores para esta verdadeira revolução no ensino?

Simone Fogazzi relata que trabalha desde 2005 com as novas tecnologias, mas as atividades experimentaram um impulso há dois anos, quando os alunos ganharam cada um o "quinhã", como é chamado o computador do Projeto UCA (Um Computador por Aluno), do Governo Federal. "No começo foi uma grande novidade trabalhar o computador como ferramenta. Depois de um tempo, eles ficaram um pouco cansados e perguntaram sobre as aulas de cerâmica", relata a coordenadora do Polo Arte na Escola na UFRGS.

Na opinião de Paulo Blikstein, professor da Escola de Educação e do Departamento de Ciências da Computação da Universidade de Stanford e diretor do *Transformative Learning Technologies Lab*, no caso do ensino de Artes o mais significativo é a criação e a qualidade do produto artístico. "O aluno não precisa interagir apenas com uma tela de vidro. É preciso valorizar os conceitos", ressalta. Blikstein sugere aos professores que proponham aos alunos elaborar produtos

mistos, digitais e analógicos, com várias texturas e conexões com outras disciplinas.

Ele revela que a nova geração da tecnologia educacional permite aos alunos terem a dimensão do contato físico. "Já é possível ter máquinas que imprimem em 3D e em breve teremos tesouras digitais que permitirão cortar em qualquer forma e direção", afirma.

Na visão do professor de comunicação visual da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Luli Radfaher, é importante o professor descobrir onde os alunos estão tecnologicamente e mostrar a eles que há vida além do mundo virtual. "Este aluno que perdeu a cerâmica mostra que a interface digital não é maleável quanto é o barro", afirma.

Ele sustenta que o professor precisa ser parceiro do aluno. "Se ele não conhecer todas as ferramentas, deve debater a novidade com os alunos. Compartilhar é extremamente visual", diz.

A coordenadora do Polo Arte na Escola na UFRGS constata que os "professores perderam o medo" da tecnologia e que nos Grupos de Estudo do Polo dominam a internet e as técnicas de vídeos, fotografias e animações. "O professor não precisa saber tudo de tecnologia. O importante é pesquisar bastante. A internet tem vários cursos e tutoriais que ajudam muito os professores", afirma Simone Fogazzi.

Hoje, um dos principais projetos de capacitação do professor nesta área é o Proinfo - Programa Nacional de Tecnologia Educacional, cujo objetivo é promover o uso pedagógico da informática na rede pública. Também estão disponíveis na internet vários sites com »

4

LINKS

[Blog do Arte na Escola UFRGS](#)

[Arte na Escola Polo UENF](#)

[Arte na nossa vida !!! Blog da professora Adriana Raach](#)

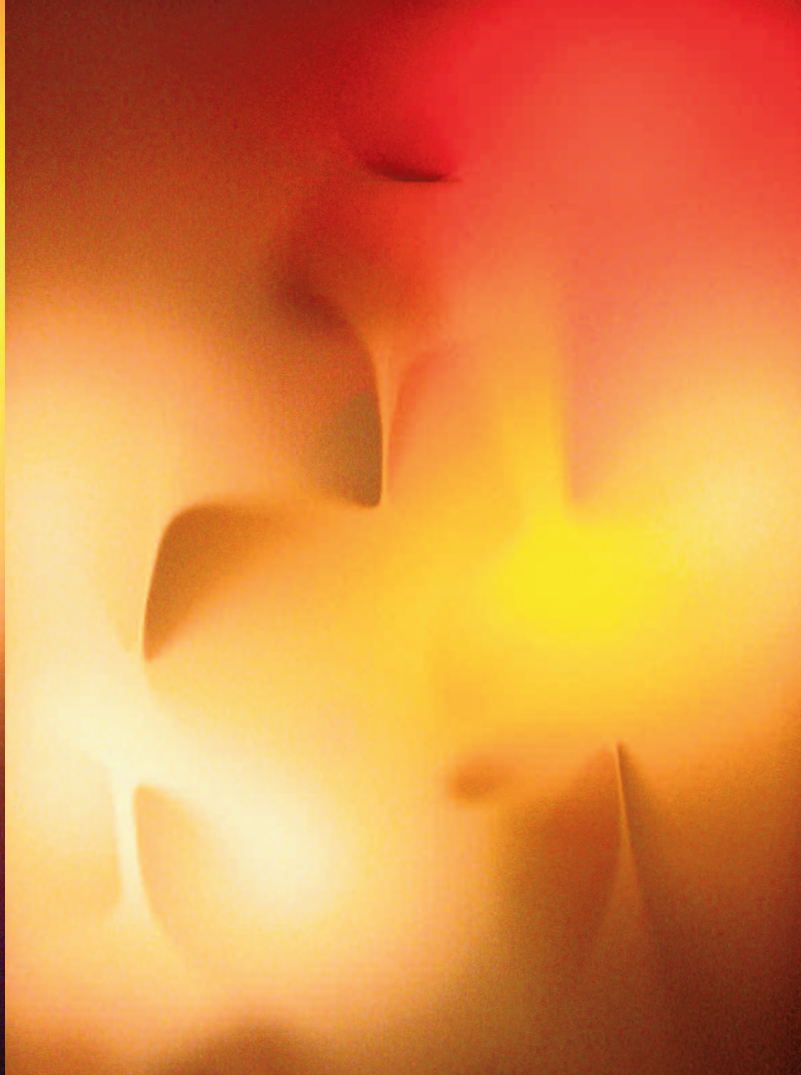
[Curso Técnico de Informática aplicada às artes](#)

[Projeto UCA - Experiência educacional em Artes com o laptop](#)

[Guia de Tecnologias Educacionais](#)



Aparelho cinecromático, 1964.



Aparelho Cinecromático SF4, 1955/2004.

▶ orientações para os docentes, como o Portal do Professor, Domínio Público, TV Escola e Banco Internacional de Objetos Educacionais. Todos são gratuitos e têm acesso livre. Alguns Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, já estão comprando *tablets* e computadores para os professores e oferecendo cursos de capacitação.

A professora Adriana Beatriz Raach, de Porto Alegre, fez sua segunda especialização, Mídias na Educação, pela Universidade Aberta do Brasil, sistema integrado por instituições públicas no modelo a distância. "Foi um excelente curso, praticamente todas as aulas nós usamos o Proinfo", afirma.

Segundo ela, que leciona em duas escolas e participa do Grupo de Estudos no Polo Arte na Escola UFRGS, os professores precisam planejar bem o uso das TICs nas aulas de Artes. "Para ser uma ação pedagógica e assim garantir a aprendizagem, o professor tem que ter um bom planejamento e clareza do que quer realizar", sugere.

Na Universidade Regional de Blumenau (Furb), o interesse dos professores pelas TICs vem crescendo, constata a professora de Artes, Lindamir Jungue. Segundo ela, só no primeiro semestre de 2012, o Polo Furb emprestou materiais ligados às TICs para mais de 320 professores da rede municipal de Blumenau e dos municípios vizinhos de Indaial, Gaspar e Schroeder. De documentários da DVDteca Arte na Escola a materiais criados pelos alunos na disciplina de Arte e Tecnologia. Em um curso de formação para uso de TICs realizado este ano em Blumenau, 163 professores compareceram.

Na opinião dela, as TICs são "instrumentos ou ferramentas para que o professor faça algo novo, criativo, com outras possibilidades de aprendizagem". Lindamir frisa que as novas tecnologias podem ser adotadas em todas as etapas do ensino e servem para qualquer linguagem da arte. "O que diferencia é a quantidade, o que e como usar essa tecnologia", diz.

A coordenadora do Polo Arte na Escola na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Danuza da Cunha Rangel, é favorável ao uso da TICs desde a Educação Infantil. "Os bebês do passado brincavam com chocalhos; os de hoje brincam com chocalhos e controles remotos. Sem as TICs, os processos educacionais tendem a perpetuar o anacronismo existente entre a escola e o mundo do lado de fora", alerta.

Na visão dela, "todo professor precisa saber que a tecnologia é indispensável à vida humana e que o avanço tecnológico está profundamente ligado à produção e à aquisição de conhecimentos, bem como ao desenvolvimento de lógicas e sensibilidades".

Danuza Rangel ressalta que o fato de muitos estudantes enxergarem a tecnologia como diversão e lazer é uma vantagem. "É um fator extremamente positivo e facilitador do processo de introdução dessas novas tecnologias nas práticas pedagógicas. Com essa tendência, normalmente se consegue uma adesão instantânea a qualquer proposta de ensino-aprendizagem que envolva o uso de TICs, sobretudo no ensino da arte", diz a coordenadora do Polo UENF.



O uso das novas tecnologias na criação

A contribuição da cultura digital no ensino e na aprendizagem é extremamente favorável, tendo em vista que é capaz de tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas.

» No meu caso, a formação em Artes Visuais com ênfase em Multimídia ainda me permite criar novas ferramentas e mídias a fim de abordar com os alunos assuntos pertinentes à disciplina. Um bom exemplo são os vídeos, que sempre são de grande valia. Além de trazerem informação sobre a teoria, ilustram com riqueza as aulas de Artes. Por isso, sempre procuro em acervos como o da DVDteca Arte na Escola, títulos que se relacionem aos temas tratados por mim em sala de aula. Também tenho como grande aliado o site *youtube*, que reúne muitos documentários e vídeos didáticos. Fazendo uma seleção, é possível encontrar uma grande variedade para se trabalhar os conteúdos de arte. Para baixar esses vídeos, utilizo um software livre chamado *Any Video Converte* que, além de propiciar o *download* dos vídeos, ainda me permite convertê-los em vários formatos que podem ser gravados e transmitidos na TV utilizando um *pen drive*.

Nadando a favor da corrente

Outro recurso que acredito deva ser explorado e aproveitado em sala de aula são os telefones celulares. Cada vez mais modernos, eles estão presentes nas escolas, já que nem sempre é possível proibi-los como recomendado. Diante do inevitável, acho interessante saber utilizá-los de forma produtiva no processo de aprendizagem. A grande maioria desses aparelhos hoje permite o acesso à internet e podem ser utilizados para realizar pesquisas, por exemplo. Mas é importante que o professor oriente seus alunos a buscarem em sites confiáveis e informações relacionadas aos conteúdos que estão sendo estudados.

Também é muito interessante sempre relacionar o cotidiano das salas de aulas aos conteúdos já previstos pela Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no que se refere às novas tecnologias. Pois não se trata de inseri-las ao cotidiano escolar como modelos prontos e sim permitir que o aluno possa exercer o seu potencial de criação para produzir também novas mídias, como a criação de um blog, ou mesmo interagir com as tecnologias de informações já existentes, como os vídeos. Ao organizar pesquisas e propostas em um blog, sempre orientados pelo professor, os alunos podem explorar as possibilidades de elaboração do *layout*, a escolha das cores, linhas, formas, podendo até mesmo introduzir um artista como referência para a criação da identidade visual. Assim, é possível explorar junto aos alunos não só os conteúdos específicos da disciplina, mas também a ideia de criação, de como fazer.

A escola Estadual Paulo Freire, na cidade de Londrina (PR), onde eu trabalho, disponibiliza uma sala de informática com computadores conectados à internet, onde foi possível realizar uma série de atividades voltadas à webcom jovens de 17 a 19 anos, do Ensino Médio. A ideia apresentada a seguir trata da criação de blogs de pesquisas com enfoque nas Artes. Para pôr em prática uma ideia como esta existem tecnologias gratuitas e acessíveis a todos.

Interagindo com Blogs

1º passo: Criar grupos de alunos para que possam discutir a proposta de trabalho de acordo com o movimento artístico ou com o artista definidos como tema central do projeto. Eles deverão fazer pesquisas e elaborar um primeiro esboço do que será o blog, tendo como contexto imagens ou releituras de obras em pauta. O movimento artístico a ser trabalhado em sala será proposto pelo professor, um diferente para cada grupo. Além disso, os alunos também poderão escolher outros artistas que se encaixem no tema.

2º passo: Cada grupo de alunos terá que criar um blog e dar nome a ele, sempre dentro do contexto do tema que está sendo estudado. Utilizando uma das ferramentas gratuitas disponíveis para este fim, será possível criar o *layout* do blog, definindo suas cores e formas. Embora existam algumas plataformas que já ofereçam *layouts* pré-definidos, a ideia aqui é que os alunos façam as suas próprias escolhas, procurando sempre exaltar o que mais se adequa ao artista ou movimento artístico definidos como referência no início do projeto.

3º passo: Os grupos ficarão responsáveis por publicações semanais, bem como pela atualização do blog com os trabalhos e atividades realizados em sala de aula. A intenção é que todo o processo possa ser visualizado por outras comunidades, dentro e fora da escola, e que pessoas interessadas no tema e outros grupos da mesma sala também possam comentar a produção uns dos outros.

Vanessa Cerqueira Silva - Formada em Artes Visuais com ênfase em Multimídia pela UOPAR – Especialista em Arte Visual pela UEL e obteve Licenciatura em Artes Visuais pela UTFPR. Atualmente trabalha no setor de Produção de Materiais para o EAD na UNOPAR e atua como Professora do Ensino Básico na rede Estadual. Unesp (SP), Coordenadora do Núcleo de Formação do Mathema SP.

LINKS

Ferramenta gratuita e dicas para criação de blogs:

[BLOGGER](#)

[DICASBLOGGER](#)

Para saber mais sobre o [Any Video Converte](#):





Objeto Cinético CK-8, 1966 / 2005.

Referência Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BEHRENS, Marilda Aparecida. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: MASETTO, Marcos (Org.). *Docência na universidade*. Campinas: Papyrus, 1998. Disponível em: http://arquivos.unama.br/need/baixar/metodologia_ensino_superior/pdf/A%20FORM_PED_DESAFIOS.pdf. Acesso em: out. 2012.

_____. Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: ALMEIDA, Maria Elizageth Bianconcini; MORAN, José Manuel (Org.). *Integração das tecnologias na educação: salto para o futuro*. Brasília: Ministério da educação, Seed, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2s f.pdf>. Acesso em: out. 2012.

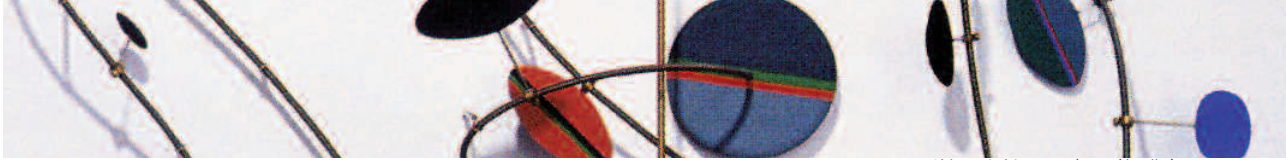
BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Salto para o futuro: tv e informática na educação*. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: out. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: arte*. Brasília, 1998. 116 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: out. 2012.



Objeto cinético, 1990/1992 (detalhe)

ECO ART: Leitura de imagem, leitura do mundo

» As discussões entre Arte e Ecologia há muito se fazem presentes, especialmente a partir da segunda metade do século XX, quando artistas e ambientalistas compartilhavam seus pontos de vista para dar voz ao cenário de degradação e destruição a que a Terra estaria, há muito, submetida.

Movimentos como, *Land Art*, *Arte Ambiental*, entre outros, viriam trazer à luz das discussões, de modo direto ou indireto, aspectos peculiares e essenciais à vida do Planeta. Sob essa perspectiva, a natureza passa a ser o agente da obra de arte, que por sua vez, submete-se a sua perenidade e fragilidade preexistentes em contraponto à sua força exponencial.

Os avanços tecnológicos e científicos, o aumento crescente do consumo, a exploração desenfreada de riquezas naturais, a supervalorização de produtos industrializados pelas mídias em consonância com o constante conflito de interesses nos âmbitos público e privado, evidenciam a necessidade da criação e modificação das políticas sociais, culturais e ambientais, que acabariam por culminar em conferências mundiais, tais como: ECO 92, Protocolo de Kyoto, COP-15, RIO + 20, entre outras.

Mobilizados por esse quadro de divergências, ao mesmo tempo, acometidos por esse rico campo dialógico entre o microcosmo e o macrocosmo, existência e inexistência, presente e futuro, ordem e caos, falta e abundância, utilizando as mais diferentes linguagens, artistas criam suas leituras de mundo por meio de suas poéticas. O artista, ser cultural e social inserido em um Meio Ambiente, transforma o que vê, o que ouve, o que sente em um discurso artístico usando diversas **materialidades**.

Por meio dessas materialidades, toda a trama discursiva presente em determinada **poética visual** só será realmente efetivada enquanto obra, mediante um leitor. O que aqui se entende como leitor é, senão, o sujeito decodificador das informações verbais e não verbais presentes na obra de arte. O que se quer dizer é que qualquer que seja a natureza da obra de arte, para mergulhar em seu universo discursivo será necessário desenvolver um percurso de leitura de imagem.

Sob essa premissa, ler uma imagem implica em apreendê-la, analisá-la, observá-la, interpretá-la, percebê-la, relacioná-la objetivamente e subjetivamente, em seus contextos: formais, sociais, políticos, culturais e da natureza do sensível. Sendo assim, uma leitura se torna significativa quando estabelecemos relações

entre as experiências do leitor e o objeto de leitura. Acreditando nas potencialidades dos **discursos poéticos** advindos da leitura das imagens, o material educacional ECO ART (ver box) tem como um de seus principais objetivos estabelecer diálogos com os campos da Ecologia e do Meio Ambiente por meio de proposições didáticas, pautadas em um percurso metodológico que se constitui por intermédio da investigação cultivada dos **textos visuais** apresentados em cada obra. Cuidando para que as imagens presentes não se tornassem meras ilustrações para tratarmos de assuntos ligados à Ecologia ou que temas ambientais fossem tratados de forma superficial, o material ECO ART se estabelece como um rico instrumento de reflexão transdisciplinar, possibilitando diferentes leituras, de imagem, do mundo.

» **Waldirene André** - Mestre em Artes Visuais pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialista em Linguagens da Arte pela USP e em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP.

O material educacional Eco Art reúne proposições didáticas que, a partir da leitura de imagem, possibilitam o diálogo entre o discurso poético proferido pelas obras da Coleção Eco Art e Ecologia. Ele foi desenvolvido a partir de 25 telas de uma coleção encomendada pelo Grupo Bozano a artistas das Américas para uma mostra que ocorreu durante a Eco 92, e que posteriormente foram convertidas em serigrafias. Essas gravuras foram doadas a 55 Museus e Casas de Cultura em todo o Brasil. Criado com o objetivo de transpor as fronteiras da arte e adentrar os campos da Ecologia, das Ciências Ambientais, sua linha metodológica propõe ao professor que este investigue com seus alunos os vários planos de entendimento que uma obra de arte pode alcançar, cabendo a ele adaptar os conteúdos e proposições aos perfis e realidades com os quais trabalha. O material encontra-se disponível em: www.artenaescola.org.br/ecoart.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA:

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COSTA, Cacilda Teixeira da. *Arte no Brasil 1950-2000: movimentos e meios*. São Paulo: Alameda, 2004.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

8

OS ENDEREÇOS E DADOS PARA CONTATO COM OS POLOS E PARCEIROS DA REDE ARTE NA ESCOLA ESTÃO NO SITE www.artenaescola.org.br



Patrocínio

FUNDAÇÃO
IOCHPE